



**A constituição da autoria dos estudantes:
práticas educativas integrativas entre psicanálise e arte**

The constitution of the student's authorship:
integrative educational practices between psychoanalysis and art

La constitución de la autoria de los estudiantes: prácticas educativas integradoras entre el
psicoanálisis y el arte

Juliana Moreira Telles¹

Doutoranda do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília/DF, Brasil

Regina Lúcia Sucupira Pedroza²

Professora da Universidade de Brasília, Brasília/DF, Brasil

Recebido em: 02/07/2024

Aceito em: 13/08/2024

Resumo

Silenciadora dos afetos e representações de estudantes e professores e, assim, de fatores socioeconômicos que interferem na educação, a educação brasileira tem sido geradora de sofrimento. Conforme a psicanálise, os comportamentos escolares desviantes precisam ser vistos como manifestações de o que foi tornado inconsciente, mas que não cessa de se manifestar. Esses elementos podem ser escutados por práticas educativas com intencionalidade estética e pela escuta analítica. O objetivo deste estudo foi investigar a mobilização da presença transformadora dos afetos e representações inconscientes a partir do autorretrato. A metodologia, de ordem qualitativa, envolveu 25 crianças e três professoras de uma escola pública de Ensino Fundamental do Distrito Federal. O procedimento incluiu composição e apreciação de autorretratos e o compartilhar sobre a experiência e atitude de escuta analítica das pesquisadoras. Desenrolaram-se interações estéticas e de fala reveladoras das necessidades e desejos não expressos nos ambientes tradicionais de educação.

Palavras-chave: Educação. Psicanálise. Arte.

Abstract

Brazilian education, silencing the affections and representations of students and teachers and, thus, socioeconomic factors that interfere in education has been a generator of suffering. According to psychoanalysis, the deviable school behaviors need to be seen as manifestations of what was rendered unconscious, but that does not cease to manifest itself. Such elements can be heard by educational practices with aesthetic

¹ jtellespsicologia@gmail.com.

² 57pedroza@gmail.com.

intentionality and by analytical listening. The objective was to investigate the mobilization of the transforming presence of unconscious affections and representations from the self-portrait. The qualitative methodology involved 25 children and three teachers from a public elementary school in the Federal District. The procedure included composition and appreciation of self-portraits and sharing about the experience and attitude of analytical listening of the researchers. Aesthetic and speech interactions revealing the needs and desires not expressed in traditional education environments were developed.

Keywords: Education. Psychoanalysis. Art.

Resumen

La educación brasileña, silenciando los afectos y representaciones de estudiantes y profesores y, por lo tanto, los factores socioeconómicos que interfieren en la educación ha sido generadora de sufrimiento. Según el psicoanálisis, los comportamientos escolares inviables deben ser vistos como manifestaciones de lo que se volvió inconsciente, pero eso no deja de manifestarse. Tales elementos pueden ser escuchados por prácticas educativas con intencionalidad estética y por escucha analítica. El objetivo era investigar la movilización de la presencia transformadora de afectos inconscientes y representaciones desde el autorretrato. La metodología cualitativa involucró a 25 niños y tres maestros de una escuela primaria pública del Distrito Federal. El procedimiento incluyó la composición y apreciación de autorretratos y el intercambio sobre la experiencia y la actitud de escucha analítica de los investigadores. Se desarrollaron interacciones estéticas y del habla que revelan las necesidades y deseos no expresados en los entornos educativos tradicionales.

Palabras clave: Educación. Psicoanálisis. Arte.

Introdução

O cotidiano escolar brasileiro está historicamente estruturado pela lógica cumulativa de transmissão de conteúdos e aprendizagem técnica, a qual valoriza os aspectos cognitivos em detrimento dos afetivos (Cenci, 2019). Pesquisas evidenciam que essa forma de educação visa à preparação focada na formação de profissionais essencialmente produtivos e eficientes, conforme os interesses da industrialização crescente na modernidade e seus ideais de consumo em larga escala (Freitas; Libâneo, 2019). Essa intenção tem sido alcançada por meio da imposição de padrões de pensamento e aprendizagem pautados exclusivamente pelos parâmetros numéricos para avaliação de desempenho cognitivo da aprendizagem (Fanizzi, 2019).

Os efeitos nocivos dessa imposição no campo da educação brasileira afetam a relação professor/aluno, geram sofrimento em vários âmbitos da escolarização (Couto; Castro, 2019) e comprometem os processos de desenvolvimento e aprendizagem resultando em fracasso escolar. A forma mais comumente adotada para lidar com as angústias decorrentes desses efeitos tem sido a

patologização e medicalização dos comportamentos desviantes dos desejáveis, para garantir o sucesso dos estudantes em termos dos melhores índices numéricos de aproveitamento (Benetti; Santos; Souza, 2019). A adoção massiva desses recursos pode ser silenciadora de outros fatores, como econômicos, sociais e culturais, para as frustrações que têm atingido como malogro as práticas educativas.

O estado de angústia foi alvo da investigação psicanalítica. Ela originou diversos estudos clínicos, mas também compreensões que podem ser aplicadas ao campo da educação. A partir dessa perspectiva, as práticas educativas necessitam conceber alunos e professores como sujeitos que demandam ser percebidos para além de seus comportamentos visíveis e mensuráveis. A concepção de totalidade do sujeito alcançada por Freud, ao ultrapassar a patologização que deriva da compreensão dos comportamentos desviantes das padronizações como comportamento a ser reparado, permite enxergá-los como manifestações dos conteúdos inconscientes.

A concepção de totalidade do sujeito alcançada por Freud ao ultrapassar a patologização das condutas e a compreensão dos comportamentos considerados desviantes das normas e expectativas definidas pelos padrões normatizadores do comportamento e do desempenho como algo a ser reparado, permite enxergá-los como manifestações dos conteúdos inconscientes. Apesar do emprego da repressão do indesejado, no esforço por alcançar os resultados desenhados pelos modelos cognitivistas para a educação, o que foi recalcado não cessa de se manifestar, em todos os âmbitos da vida racional (Freud, 1930/2010b).

As descobertas da psicanálise ensinam que não se pode domar o ser humano pela educação sem que o sofrimento surja nos processos educacionais como manifestação da angústia resultante da repressão dos conteúdos da subjetividade individual. O ser humano, nessa concepção, é sujeito de uma ordem inconsciente e movido por desejos que desconhece (Freud, 1930/2010b). A psicanálise denuncia, assim, a impossibilidade de manutenção da primazia da razão e da vontade sobre os afetos sem que o sofrimento surja nos processos educacionais, como manifestação da angústia resultante da repressão dos conteúdos da subjetividade individual. O ser humano, nesta concepção, é sujeito cuja condição é a de uma ordem inconsciente que o move a partir de desejos que desconhece (Freud, 1930/2010b).

Inaugura-se então um novo ângulo de considerar o sujeito humano como sujeito do inconsciente, o qual deverá levar os que se dedicam ao estudo dos fenômenos relacionados à educação a redimensionar suas

práticas de maneira a considerar, considerar a face desejante do aprendiz. Os mecanismos inconscientes têm, assim, papel fundamental para compor a subjetividade individual (Silva; Menezes, 2018). O trabalho da psicanálise evidenciou que a expressão e elaboração dos afetos e representações que haviam sido esquecidos por efeito do mecanismo repressivo atende à necessidade de que tais conteúdos sejam reintegrados à consciência para que se reduza a angústia da repressão é o próprio mecanismo de composição da subjetividade.

Para esse sujeito conceituado por Freud, cujo modo expressivo dos desejos reprimidos é a própria produção do sofrimento (Freud, 1915/2010a), a escuta atenta às suas interferências pode ser aplicada ao contexto da escola e pode se realizar, ainda, por meio das experiências estéticas que se efetivar nas práticas educativas (Rivera, 2013). O interesse freudiano pela criação artística e sua produção conceitual derivada daí é fundamental para construir perspectivas educativas transformadoras dos modos de ser geradores de sofrimento para as pessoas ao se envolverem nos processos de aprendizagem e desenvolvimento. A atenção dada ao material diáfano das brincadeiras, fantasias e sonhos permitiu-lhe compreender que esses momentos de relaxamento favorecem que os desejos reprimidos sejam expressos, elaborados e, no percurso de integração à esfera do consciente, pode realizar-se a constituição da subjetividade. Freud alcançou o entendimento do processo de criação como um movimento singular de aparecer e desaparecer dos afetos e representações (Abel, 2011). A partir desse entendimento, a experiência estética é recurso capaz de evidenciar e pôr em movimento o recalado (Sofio, 2019), na medida em que a instauração artística pode evidenciar contradições, dúvidas, angústias e desejos vivenciados pelas pessoas (Rabêlo; Martins; Sträter, 2019).

Pesquisas evidenciam que o sofrimento da angústia pode ser acolhido, como no trabalho da psicanálise, também no campo da educação, justamente para que possa ser transformado, em vez de descartado (Coutinho; Carneiro, 2018). A compreensão dessas interlocuções entre psicanálise, arte e educação abre possibilidades para a transformação do recalado na direção da elaboração de propostas educativas favorecedoras da interrogação, expressão e endereçamento das faltas e desejos que permeiam os processos educacionais (Couto; Castro, 2019).

As possibilidades criadoras na infância

É importante considerar mais um aspecto relacionado à experiência de produção em arte para este estudo. As investigações freudianas sobre a criação mostram que a expectativa normatizadora da civilização moderna de que as pessoas adultas atuem exclusivamente a partir da relação com sua ação no mundo real provoca a inibição do brincar e do fantasiar típicos da infância. Embora se saiba que, sob as fantasias dos adultos, produzem-se muitos desejos, eles sabem que esses elementos devem permanecer ocultos. Isso os faz se envergonhar deles e senti-los como proibidos. A infância passa, assim, a ser considerada como momento de vida de precária capacidade de percepção e expressão no mundo.

Ao escutar a voz e o discurso do brincar, a psicanálise pode constatar, entretanto, que a motivação infantil se dirige a corrigir o que resta como insatisfatório na realidade, a partir das demandas normatizadoras de repressão dos desejos. Apesar da precária elaboração linguística da criança, se evidencia a realização de representação dos conflitos assim como se realiza entre adultos por meio da fantasia (Freud, 2015). A partir da visão constituída pela análise do desenvolvimento do fantasiar, pode-se entender a criança em sua natureza de sujeito que tem o que dizer sobre si, seus conflitos, interesses e desejos (Couto; Castro, 2019).

A intencionalidade estética na infância, portanto, é dispositivo acolhedor de versões da realidade que, fora dos lugares imaginários, não seriam perceptíveis (Souza; Dugnani; Reis, 2018). Uma das mais típicas manifestações artísticas infantis é o desenho, inicialmente garatujas sem significação simbólica. Na medida em que a criança descobre que as marcas gráficas podem evocar suas percepções dos fatos, pessoas e objetos, e que, além disso, podem ser decodificados pelas outras pessoas, elas ganham significado, ao incorporar intencionalidades (Moreira; Abreu, 2021). O desenho infantil pode revelar, portanto, as visões de mundo da criança, o que faz do desenho um ato de conhecer, se apropriar do mundo e tornar-se presente nele.

O objetivo deste estudo foi investigar como a mobilização das representações de si, a partir das experiências de produção de autorretratos, integrada à escuta analítica das experiências de apreciação dessas obras pode favorecer novas percepções e compreensões sobre a presença transformadora dos afetos para a relação professor/aluno e aluno/aluno, bem como os processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Metodologia

A metodologia adotada neste estudo caracteriza-se por ser qualitativa. Entendemos que a compreensão da realidade é construída em conjunto, entre nós pesquisadoras e os participantes da pesquisa. Nossa investigação realizou-se por meio das experiências individuais de cada uma de nós. Concebemos, assim, que não há postura de neutralidade, uma vez que intervimos e, assim, estamos, no processo da pesquisa, influenciando e sendo influenciadas pelo que está se realizando e produzindo o raciocínio da pesquisa (Patias; Hohendorf, 2019). Utilizamos a escuta analítica como método, atenta ao que não está dito nas relações educativas, em função da estruturação normatizadora dessas práticas, silenciadoras dos aspectos subjetivos da experiência dos sujeitos nos contextos sociais e econômicos de que fazem parte.

Participantes

Participaram do grupo em que se realizou a intervenção analisada neste estudo 25 crianças, entre nove e doze anos, identificadas por suas professoras como estudantes que necessitavam de aulas de reforço, haja vista manifestarem dificuldades de aprendizagem. As professoras também participaram do estudo, em número de três. Todos os sujeitos integravam uma mesma escola pública de Ensino Fundamental localizada em uma cidade satélite do Distrito Federal, composta basicamente por uma população de baixa renda. O encontro analisado fez parte de uma série de reuniões em que, por meio de atividades diversificadas e sem conteúdo específico, buscávamos favorecer um espaço interativo favorável ao reconhecimento das potencialidades de aprendizagem e desenvolvimento dos participantes, assim como de suas particularidades como sujeitos.

Procedimento

Essa intervenção originou-se no contexto da prática de estágio em psicologia escolar, de que as autoras faziam parte como estagiária e supervisora de estágio, respectivamente, compondo uma equipe, com mais uma estagiária. A pedido das professoras que eram atendidas no acompanhamento ao trabalho pedagógico realizado na escola, organizamos um grupo destinado a intervir junto às crianças consideradas por essas professoras como estudantes com dificuldades de aprendizagem. As professoras expressaram o pedido de ajuda diante de um impasse no trabalho com esses alunos, percebidos por elas

como os que não progrediam no aprendizado, apesar dos esforços docentes.

A proposta da equipe era de oferecer às professoras oportunidades de se relacionarem de maneira diferente da de sala de aula, com foco voltado para o exercício da autonomia dos participantes, por meio da abertura a que pudessem escolher o que fazer, a partir de jogos, papel e lápis para desenho e livros de leitura. Nosso interesse era o de ampliar a percepção das professoras para alternativas aos processos de desenvolvimento e aprendizagem tradicionais que pudessem ser utilizadas como fonte de diálogo, para maior conhecimento sobre os alunos e vice-versa.

Elaboramos a ideia de realizar oficinas semanais em grupo, nas quais passamos a reunir as crianças selecionadas, as estagiárias, a supervisora e as professoras e propor atividades lúdicas e artísticas favorecedoras da constituição de um ambiente relaxado de interação entre os participantes. Em cada encontro, levamos ideias de brincadeiras e produções artísticas, participamos das atividades junto com as crianças e sempre fizemos às professoras o convite de participar como quisessem.

Observamos que tanto as professoras quanto alunos precisaram de alguns encontros para ficar à vontade com a proposta de exercitar, no ambiente da escola, a autonomia para a escolha das atividades que quisessem fazer a partir de alguns jogos, brincadeiras, livros e material para desenhar. Observamos que a situação de liberdade de escolha era tão inusitada que eles ficaram inicialmente paralisados, sem saber aproveitá-la, o que fez, inclusive, que as professoras ajudassem e muitas vezes resolvessem pelos alunos o que fazer.

As atividades lúdicas propostas tiveram papel catártico, possibilitando momentos de manifestações e expressões da libido reprimida, conforme evidencia a teoria freudiana sobre a ficção que o jogo proporciona (Freud, 2015), constituindo vínculos mais próximos entre os alunos e os adultos e facilitando um diálogo diferenciado da sala de aula, que envolvia a constituição subjetiva dos participantes. A intervenção oferecia às crianças e professoras uma oportunidade favorável à liberdade de expressão de suas visões de mundo, povoadas por perspectivas de dificuldades de aprendizagem ameaçadoras de seus processos de escolarização, repletos de impasses sociais, econômicos e culturais típicos das populações de baixa renda no Brasil.

A partir da atuação participante da equipe em estágio as professoras foram aos poucos percebendo que os elementos afetivos relacionais que permitimos fazer parte das interações com as

crianças permitiam conhecê-las melhor, ao interagir mais de perto com elas. Essas oportunidades de interação fora do protocolo tradicional de ensino e aprendizagem da sala de aula permitiam às professoras perceber mais o envolvimento das crianças com os desafios que os jogos, brincadeiras e propostas artísticas traziam, o que não viam acontecer no ambiente de sala de aula. A intervenção era destinada a oferecer às crianças uma oportunidade de interagir a partir de um ambiente relaxado e, portanto, favorável à liberdade de expressão de suas visões de mundo, povoadas por perspectivas de dificuldades de aprendizagem ameaçadoras de seus processos de escolarização, repletos de impasses sociais, econômicos e culturais típicos das populações de baixa renda no Brasil.

As professoras evidenciavam descrença da possibilidade de oferecermos alguma ajuda àqueles alunos. Seu relato era de que já haviam tentado todas as possibilidades existentes e afirmavam, ainda que sem diagnósticos formais, que algumas das crianças eram “portadoras de deficiências mentais e de surdez”. Iniciamos a intervenção no início do segundo semestre letivo, quando as professoras já diziam estar cansadas e desanimadas com sua prática, atribuindo tais sentimentos à “falta de interesse dos alunos para aprender”. Elaboramos a ideia de realizar oficinas semanais em grupo, nas quais passamos a reunir as crianças selecionadas, as estagiárias, a supervisora e as professoras e propor atividades lúdicas e artísticas, favorecedoras da constituição de um ambiente relaxado de interação entre os participantes.

Em cada encontro levamos ideias de brincadeiras e produções artísticas, participamos das atividades junto com as crianças e sempre fizemos às professoras o convite de participar como quisessem.

Pudemos observar, no decorrer dessas atividades, mudança de postura das professoras em relação aos alunos, no sentido que passaram a acreditar na capacidade deles de aprender. As atividades lúdicas propostas tiveram papel catártico, possibilitando momentos de manifestações e expressões da libido reprimida, conforme evidencia a teoria freudiana sobre a ficção que o jogo proporciona (Freud, 2015). Observamos, nos momentos que foram apenas de descontração, a constituição de vínculos mais próximos entre os alunos e os adultos, facilitando um diálogo diferenciado do da sala de aula, envolvendo sua constituição subjetiva.

A nossa compreensão de que o silenciamento que a padronização trazida pela ênfase no cognitivo impede que outros elementos sejam levados em consideração no processo de aprendizagem

foi o que inspirou a criação de oportunidades expressivas que pudessem evidenciar novas perspectivas, vislumbradas pelas próprias crianças, para relacionarem-se consigo mesmas, com as outras crianças e também com as professoras. A perspectiva que propusemos foi a de oferecer às professoras possibilidades de explorar a mudança de seu olhar para os alunos, acolhedor do que as crianças apresentam como mudança de perspectiva, criação, subversão de ordens padronizadas.

Observamos a mudança do olhar das professoras para os alunos, na direção do acolhimento do que as crianças apresentavam como mudança de perspectiva, criação, subversão de ordens preestabelecidas ou padronizadas. As docentes perceberam que os alunos realizavam tarefas nos encontros que não conseguiam em sala de aula, como desenhar para ilustrar suas atividades, participar apresentando sua opinião sobre o que estavam aprendendo ou, mesmo, se comportarem de forma disciplinada como o faziam com os colegas participantes desses encontros.

A principal mudança de perspectiva que foi sendo observada foi a de que os discentes estavam começando a aceitar que seriam capazes de aprender, e as professoras já não falavam mais de mandá-los para o Ensino Especial, além de passarem a reconhecer que os momentos lúdicos vivenciados entre nós também podiam ser experienciados em sala de aula, valorizando a importância de proporcionar momentos de descontração para os alunos. A partir do processo de mudança ocorrido no decorrer dos encontros, as professoras, em sua coerência, atribuíam as mudanças que observamos ao simples fato de terem mudado. Não lhes era possível se ver como sujeitos participantes no processo dessa mudança ou mesmo que o crescimento daqueles alunos estava ocorrendo por uma série de fatores, e não apenas pelo que usualmente é valorizado no processo de aprendizagem.

Diante de tamanhas mudanças que estavam sendo experimentadas por meio dessas intervenções, criamos um encontro voltado à exploração de mais elementos de ordem afetiva e relacional, na busca de trazer às interações as visões dos participantes sobre si mesmos no mundo de que fazem parte. Para um dos encontros, então, propus, como estagiária, uma intervenção de experiência com produção e apreciação de autorretratos. A experiência estética de produção e apreciação de autorretratos pode constituir comunicação acerca da construção das interpretações sobre o ser que se é e que se deseja ser no mundo (Momoli; Rauen, 2015). A autorrepresentação envolve a expressão dos afetos e representações mobilizadas em si, fazendo da produção e apreciação de

autorretrato uma construção inventiva de si e das relações de que sua representação passa a tomar parte na cultura (Abreu, 2011).

Após o encontro com as crianças e a reunião de avaliação com as professoras, observamos que as percepções que emergiram acerca dos elementos afetivos presentes entre os participantes ressaltam nosso pressuposto de que a experiência estética e a escuta analítica, nos desdobramentos psíquicos que facilitaram, favoreciam o desenvolvimento da subjetividade. Surgiu assim o nosso interesse pelo estudo mais aprofundado dessa interação entre estudantes e professoras. A partir desse momento, nos dedicamos a estudar os desdobramentos relacionais e afetivos das intervenções estéticas de produção e apreciação dos desenhos de autorretrato realizados pelas crianças.

O encontro aqui analisado realizou-se a partir da proposta às crianças de que realizassem a composição de seu autorretrato, em desenho livre; no momento subsequente, propusemos que disponibilizassem seus desenhos para a apreciação pelos demais colegas; em seguida, em uma roda de conversa, que compartilhassem livremente sobre a experiência estética vivenciada. Ao longo de todas as atividades propostas, estivemos em atitude de escuta analítica das falas emergentes nas interações entre os participantes, a fim de construir compreensões sobre as experiências vividas.

Este estudo não foi submetido a aprovação a Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por se tratar, conforme a argumentação de Lordello e Silva (2017), de pesquisa decorrente da prática profissional independente da necessidade de avaliação pelo CEP. Conforme essas autoras, a partir de considerações em torno da dimensão política do debate sobre as investigações no campo das Ciências Humanas e Sociais (CHS), a prática profissional segue preceitos éticos e pode ser transformada em conhecimento a ser divulgado, a fim de lidar com situações que não foram planejadas para serem de pesquisa, mas que, com o passar do tempo, demonstraram potencial para contribuir com avanços teóricos e práticos nos diversos campos das CHS. Tomamos o cuidado de atribuir nomes fictícios aos participantes no decorrer da análise apresentada, a fim de garantir o sigilo de suas identidades.

A partir do que aconteceu no encontro aqui analisado, pudemos levantar algumas considerações em relação ao nosso pressuposto de que a experiência estética e a escuta analítica de seus desdobramentos psíquicos favorece o desenvolvimento da subjetividade, principalmente levando-se em consideração o que foi relatado pelas professoras nas discussões avaliativas. De todo o contexto

interativo, como objeto da análise aqui proposta, destacamos as partilhas realizadas a partir de três obras produzidas pelo grupo. Partimos do entendimento de que as interações que se desdobraram a partir desses três desenhos de autorretrato foram significativas para a análise e compreensão da importância do estudo e a aplicação das experiências estéticas e da escuta analítica, a partir de autorretratos, para compor práticas educativas favorecedoras da expressão e elaboração das necessidades e desejos não expressos nos ambientes tradicionais de educação.

Resultados e discussão

Um primeiro momento que se destacou à nossa escuta ocorreu quando uma das professoras sinalizou à sua aluna Mariana algo que percebeu em sua produção de autorretrato como uma discrepância entre a aparência da criança e a representação feita por meio do desenho. A professora expressou inquietação, inclusive, diante do fato de que, no desenho, os cabelos da criança estavam representados com cor e textura diferentes dos fios concretos. A professora pediu à criança que explicasse o motivo dessa discrepância que ela não compreendia.

Várias participantes demonstraram curiosidade pela resposta que a colega daria. Mariana respondeu prontamente que os cabelos foram desenhados para ficarem semelhantes aos da professora, que representavam o desejo da estudante, até então íntimo, de ser como ela. Compreendemos a resposta da criança como uma interferência geradora de mudança de ponto de vista da professora, permitida pelo que se pode expressar da subjetividade, na esfera simbólica. Essa experiência ocorreu na contramão das práticas educativas tradicionais, restritas à troca de conhecimento de ordem cognitiva. A proposta de produção de autorretrato mostrou-se possibilidade de contato, para a autora, com seus sentimentos e com a oportunidade de expressão do afeto que fazia parte de sua vivência subjetiva no contexto das relações vividas na escola. Essa experiência se deu na contramão das tradicionais, restritas à troca de conhecimento de ordem cognitiva.

A participante fez-se presente no mundo por meio da revelação de um afeto, evidenciando sua presença emocionalmente identificada com a professora. Seu desejo de ser outra manifestou-se por meio da e pela representação de si mesma, com uma alteração de sua aparência física no desenho.

Evidenciou-se que a experiência estética constituiu caminho expressivo na busca por possibilidades diferentes diante de algo insatisfatório da realidade (Freud, 1908/2015). A intencionalidade estética mostrou-se dispositivo acolhedor de versões da realidade que ganharam espaço por meio da atenção aos lugares imaginários, não contemplados pelo modo exclusivamente cognitivista de educação (Souza; Dugnani; Reis, 2018).

Esse momento do encontro revelou que a criança tem o que dizer sobre si, sobre seus conflitos, interesses e desejos (Couto; Castro, 2019) se soubermos escutar sua voz (Freud, 1915/2010a), abrindo ainda para essa estudante a possibilidade de construir uma representação sobre o que deseja ser ao relacionar-se no mundo, em uma construção inventiva de possibilidades para si mesma (Abreu, 2011).

Do ponto de vista da professora, ficou evidente sua surpresa diante da expressão do afeto e interesse da criança por ela. Para estudos futuros, destacamos a importância da exploração continuada em espaços de troca dessa natureza, a fim de investigar, por exemplo, em que sentido(s) Mariana deseja ser como a professora. Compreendemos que a continuidade da escuta pode abrir ainda mais possibilidades de integração de aspectos subjetivos de percepção da realidade entre os participantes. O desenho e o compartilhar a partir das obras de arte abriram espaço para caminhos de integração de novidades vivenciais no campo simbólico dos participantes. O autorretrato de Mariana operou um reposicionamento do que era o consenso, por meio de uma criação que se considerou, inicialmente, dissenso em relação à realidade, mas que se revelou pela produção da criança, possibilidades que ela via de se tornar outra, conforme o próprio desejo. Fez-se uso da possibilidade do desenho de evocar elementos da realidade e enderecá-los às pessoas à volta, para que sejam decodificados e percebidos a partir de novas perspectivas (Pillotto *et al.*, 2021).

Evidenciou-se a distinção entre a visão de si de Mariana, complexa, composta por elementos simbólicos, referentes a domínios da subjetividade, e a visão predominantemente realista da professora sobre a produção artística da aluna. O espaço de compartilhar sobre a composição artística de Mariana abriu percepções novas acerca da visão de mundo da estudante. Esse compartilhar evidenciou, ainda, possibilidades trazidas pelo esclarecimento que a psicanálise pode oferecer à pedagogia.

A psicanálise ressalta os fatores subjetivos que levam as pessoas às atividades, em função da mobilização dos afetos que a dinâmica inconsciente pode proporcionar. Essa teoria evidencia que a

realidade psíquica é um componente decisivo na elaboração das experiências de mundo (Abel, 2011). O esclarecimento psicanalítico permite pensar a escola e as práticas educativas como espaços de desenvolvimento a partir do favorecimento da atuação da psique inconsciente em suas possibilidades transformadoras do que já está organizado. Isso ocorre na medida em que as relações pedagógicas passam a contemplar os afetos inconscientes e se tornam redutoras das angústias.

A partir da escuta analítica, ao invés de se considerar o cabelo loiro desenhado por Mariana como distorção da realidade, indagou-se à própria artista sobre o que aquele elemento, aparentemente dissonante da realidade, representava. Essa experiência favoreceu o ultrapassamento da visão realista e que se alcance a possibilidade que o imaginário traz, de conceber compreensões do mundo para além do visível. A escuta permitiu que se evidenciasse o desejo da criança. O ambiente relaxado da livre produção artística permitiu a expressão de elementos que fazem parte da vivência escolar, mas que não poderiam ser revelados pela vertente conteudista das práticas educativas tradicionais.

Quando Mariana debruça-se sobre quem ela é para compor sua obra, destaca algo que lhe falta, algo que deseja: desenvolver-se a ponto de parecer-se com algo que reconhece e admira na professora. A estudante registra simbolicamente esse desejo por meio do desenho dos cabelos da professora em si mesma, representação que a arte oferece como possibilidade. A estudante pôde registrar e compartilhar seus afetos por meio de uma imagem de si, que revela algo além de uma cor ou textura de cabelo e endereça seu desejo de transformação de si mesma aos apreciadores.

Outro momento que se destacou neste estudo foi o do compartilhar a partir do autorretrato do aluno Marcos. Diante de sua obra, alguns colegas expressaram a percepção de que viam Marcos, em seu desenho, com uma “cara de mau”. O autor esclareceu que o que chamavam “cara de mau” era sua representação de seriedade. Nessa oportunidade, por meio do desenho de autorretrato, uma manifestação de quando o ser daquele que cria se torna o tema da própria obra que ele instaura, em uma busca de mobilizar as próprias representações e afetos e dar forma à própria imagem no mundo (Giraldo, 2012), Marcos pôde expressar a sua perspectiva da própria presença no mundo.

Marcos era notadamente uma criança mais calada, que interagiu pouco com os colegas. Compreendemos que eram poucas as atitudes, palavras e interações sociais de que dispunham Marcos e os colegas para se conhecerem. Nesse ambiente relaxado e simbólico, o estudante revelou-se um pouco

mais, e a escuta analítica favoreceu a ele a nomeação de uma atitude, um fazer-se presente no mundo, por meio de uma faceta escolhida por ele mesmo.

Na contramão da valorização dos aspectos cognitivos em detrimento dos afetivos, pudemos observar na intervenção realizada para este estudo, momentos em que as crianças puderam dizer sobre si e sobre seus conflitos, interesses e desejos. Os participantes puderam expressar elementos complexos de percepção da realidade, conectados a seus sentimentos e assim revelar fatores intervenientes no processo educativo que por meio da prática corrente conteudista não se evidenciariam. Os alunos participantes puderam, ainda, expressar elaborações afetivas nas experiências de partilha, tanto a partir da produção quanto da apreciação dos desenhos de autorretrato.

A experiência estética favoreceu a expressão de elementos da vida psíquica por meio da representação e, portanto, a inscrição simbólica do vivido na experiência dos alunos participantes da intervenção aqui analisada (Benetti; Santos; Souza, 2019). As experiências de produção e apreciação estética possibilitaram aos participantes do grupo interrogarem faltas e inscrevê-las simbolicamente na cultura por meio da composição de formas e nuances que permitem comunicar sua visão de mundo (Couto; Castro, 2019). Percebemos também como o desenhar a si mesmo pode ser um ato de conhecer-se e tornar-se presente, assim como de evidenciar a singularidade da percepção de mundo da criança (Moreira; Abreu, 2021).

Salientamos ainda um momento da produção das crianças que se destacou para nós como a evidência do movimento que a experiência estética tem potência de provocar. A vivência do aluno Joel a partir de nossa proposta de composição de autorretrato revelou a realização do exercício de exploração de si e de sua própria presença. Esse estudante manifestou estranheza em relação à proposta de composição de um autorretrato sem que dispusesse de um espelho. Uma das participantes emprestou-lhe um e a criança principiou um movimento de mirar-se no espelho e, voltando-se para o desenhar no papel, realizar a composição de sua obra.

Joel usou o espelho para observar a si mesmo, abrindo caminho para estabelecer contato consigo mesmo e para a exploração de si. Observamos o aluno empreendendo a busca pelo que estava fora do alcance de seu olhar e de sua memória, operando a relação entre a percepção de “eu” e a percepção da própria imagem. Tanto o processo de produção de Joel, quanto os desenhos de as obras

instauradas por Mariana e Marcos, associados às trocas em compartilhar que se realizaram, permitiram enxergar que a integração entre a escuta analítica e a experiência estética favorece a exploração de situações limites, desafios e obstáculos na percepção, expressão e apreciação da subjetividade humana.

Percebemos também como o desenhar a si mesmo pode ser um ato de conhecer-se e tornar-se presente, assim como de evidenciar a singularidade da percepção de mundo da criança (Moreira; Abreu, 2021). As experiências de partilha permitiram observar oportunidades favorecedoras de interações reveladoras de elementos que contribuem para a aprendizagem e o desenvolvimento no contexto das práticas educativas e que não são contemplados nas interações normatizadas. Esses elementos são fatores de melhora das condições psíquicas de engajamento com o processo educativo e foram conhecidos em função da prática favorecedora do desvelamento de afetos.

A integração entre essas dimensões de acesso à subjetividade permite conhecer um sentido das experiências relacionais, pelo evidenciar das contradições, dúvidas, angústias e desejos dos participantes que na educação essencialmente pautada pelos critérios cognitivos de organização e avaliação de desempenho não se alcança. Essa evidência corrobora a teoria freudiana que afirma a fundamentalidade de investir na capacidade que o universo da criação oferece para lidar com os elementos de ordem afetiva e simbólica. A atenção a esses aspectos pode favorecer aos participantes atuarem como sujeitos ativos na construção da realidade, por meio da integração dos afetos e representações que haviam sido impedidos de ser expressos (Freud, 1908/2015).

A psicanálise contribui com sua conceituação de um sujeito do inconsciente, desejante, que demanda uma nova forma de presença no mundo. Diante do entendimento do sujeito como quem não dispõe mais da exclusividade da consciência racional como guia das ações, estamos convocados a atentar para os enviesamentos na percepção que o domínio do inconsciente é capaz de operar. A partir daí podem ser percebidas novas visões e teorizações para o mundo por meio da percepção de nuances da realidade que não são tão fácil e evidentemente reconhecidas nos contextos em que se emprega exclusivamente o universo de desenvolvimento cognitivo.

Considerações finais

A selva de imagens que nos invade e coloniza nossa visão, sentimentos e pensamentos na atualidade tem sido normatizadora das condutas e silenciadora dos afetos, e atinge as práticas educativas impedindo a expressão da subjetividade. Esta pesquisa permitiu observar caminhos possíveis de transformação dessas condições reducionistas da constituição dos sujeitos, favorecendo aos estudantes se fazerem presentes no mundo, na contramão da valorização da educação exclusivamente cognitivista. O observar da psicologia, atento a conhecer, interpretar e descobrir os mecanismos que são colocados em jogo a partir da mobilização afetiva, por meio da experiência estética e da escuta analítica, mostrou possibilidades de contribuir para a redescoberta da interferência do desejo na formação do estudante, quando se alcança a experiência de contato com o indizível do inconsciente.

As condições econômicas, sociais e culturais que constituem a realidade de que tomam parte alunos e professores podem ser mais amplamente exploradas em estudos futuros a partir de desenhos de autorretrato a partir de propostas tematicamente mais específicas. Como no caso das relações entre o estudante sério e as crianças que não conheciam seu afeto como característica, mas como agressividade, as crianças, no aprofundamento das associações livres a partir desse tema, podem se mostrar ainda mais e elaborar outros conteúdos relacionados. Desde que possamos escutar o que as crianças têm a dizer de si e do mundo que vivenciam, também no contexto da convivência escolar.

Referências

ABEL, Marcos Chedid. Verdade e fantasia em Freud. **Ágora**, 14, 1. Rio de Janeiro, 2011.

<https://www.scielo.br/j/agora/a/H43zFQjJmWzxcnclh44XcQy/?lang=pt> Acesso em: 27 nov. 2022.

BENETTI, Djeison; SANTOS, Vinícius Machado Pereira, dos; SOUZA, Aldi Nestor de. (2019). Matemática e Surrealismo. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, (Vol. 33, 64, p. 854-870).

<https://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v33n64a20> Acesso em: 27 nov. 2022.

CENCI, Angelo Vitório. A educação, a crise da esfera pública e o desafio da formação da vontade democrática sob a égide do neoliberalismo. **Espacios en blanco. Serie indagaciones**, (Vol. 29, 2, p. 1-100), 2019. http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1515-

[94852019000200009&lng=es&tlng=pt](#) Acesso em: 27 nov. 2022.

COUTINHO, Luciana Gageiro; CARNEIRO, Cristiana. Infância, adolescência e mal-estar na escolarização: o que dizem os especialistas? **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, (Vol. 28, 4, p. 1-17), 2018.

<https://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312018280407> Acesso em: 27 nov. 2022.

COUTO, Daniela Paula do; CASTRO, Júlio Eduardo de. A criança entre a subjetividade dos pais e o ideal médico-científico. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, (Vol. 22, 1, p. 19-30),

2019. <https://dx.doi.org/10.1590/s1516-14982019001003> Acesso em: 27 nov. 2022.

FANIZZI, Caroline. A docência sob a hegemonia da dimensão técnica e metodológica do discurso educacional. **Educação & Sociedade**, (Vol. 40, p. 1-16), 2019. <https://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302019222675>

Acesso em: 27 nov. 2022.

FREITAS, Raquel Aparecida Marra da Madeira Freitas; LIBÂNEO, José Carlos. Didática desenvolvimental e políticas educacionais para a escola no Brasil. **Linhas Críticas**, (Vol. 24, p. 367-387), 2019.

<https://doi.org/10.26512/lc.v24i0.21850> Acesso em: 27 nov. 2022.

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar. In.: FREUD, Sigmund. (2015[1856-1939]). **Arte, literatura e os artistas** (p. 34-42). Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Texto original publicado em 1908.

FREUD, Sigmund. O inconsciente. In.: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. (Coleção Obras completas; Vol. 12, p. 99-150). São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. Texto original publicado em 1915.

FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização. In.: FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. (Coleção Obras completas; Vol. 18, p. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. Texto original publicado em 1930.

GIRALDO, Efrén. Autorretrato y viaje interior en el ensayo literario colombiano del siglo XX: Fernando González y Hernando Téllez. **Perífrasis**, (Vol. 3, 5, p. 49-64), 2012.

<https://revistas.uniandes.edu.co/doi/abs/10.25025/perifrasis20123503> Acesso em: 27 nov. 2022.

LORDELLO, Sílvia Renata Magalhães; SILVA, Isabela Machado. Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde: um panorama geral. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 2, p. 06-15, 2017. Recuperado em 20 de abril de 2021, de

<file:///C:/Users/Juliana/Documents/Doutorado/Artigo%20sobre%20resolu%C3%A7%C3%A3oCEP.pdf> Acesso em: 27 nov. 2022.

MOMOLI, Daniel Bruno; RAUEN, Roselene Maria. Imagens de si: o autorretrato como construção da identidade. **Educação, Artes e Inclusão**, (Vol. 11, 1, p. 51-73), 2015.

<https://revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/6157> Acesso em: 27 nov. 2022.

MOREIRA, Nara Mendes; ABREU, Carla Luzia de. Pensando a educação infantil a partir de imagens. **Revista Digital do LAV**, (Vol. 14, 1, p. 89–102), 2021. <http://dx.doi.org/10.5902/1983734843856> Acesso em: 27 nov. 2022.

PATIAS, Naiana Dapieve; HOHENDORFF, Jean Von. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Psicologia em Estudo**, (Vol. 24), 2019. <https://www.scielo.br/j/pe/a/BVGWD9hCCyJrSRKrsp6XfJm/?lang=pt> Acesso em: 27 nov. 2022.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; GAVA, Daiane de Melo; STAMM, Eliana; SILVA, Carla Clauber da. Narrativas e infâncias: tecendo fios de sensibilidades pela arte e cultura. **Revista Digital do LAV**, (Vol. 14, 1, p. 177–196), 2021. <http://dx.doi.org/10.5902/1983734855215> Acesso em: 27 nov. 2022.

RABÊLO, Fabiano Chagas; MARTINS, Karla Patrícia Holanda; STRÄTER, Thomas. As referências literárias em “Das Unheimliche”. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, (Vol. 22, 3, p. 606–629), 2019. <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/BYLvr4BVqjk4yrMsj7NLYbc/?format=pdf> Acesso em: 27 nov. 2022.

RIVERA, Tania. Kosuth com Freud: a imagem e a palavra. In.: Rivera, T. **O avesso do imaginário** (p.47-77). São Paulo: Cosacnaify, 2013.

SILVA, Isis Grazielle da; MENEZES, Lucianne Sant’Anna de. O fotografar: uma resposta sublimatória à tensão pulsional? **Psicologia Revista São Paulo**, (Vol. 27, 2, p. 233-261), 2018. <https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/33416> Acesso em: 27 nov. 2022.

SOFIO, Fernanda. Processo artístico e processo psicanalítico: pensando com Morgan, Warhol, Herrmann e Freud. **Psicologia USP**, (Vol. 30, p. 1-12), 2019. https://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642019000100216 Acesso em: 27 nov. 2022.

SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de; DUGNANI, Lilian Aparecida Cruz; REIS, Elaine de Cássia Gonçalves dos. Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, (Vol. 35, p. 375-388), 2018. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-02752018000400005> Acesso em: 27 nov. 2022.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: André Luis Gomes Moreira.